

FARIA, A. A.; ALBANO, A.A.M.. Roupas docente. Campinas: Universidade de Campinas; FAPESP; pós-doutoranda; Universidade de Campinas; professora MS3.

RESUMO

Este artigo traz uma reflexão sobre o “figurino” dos professores. Apresenta uma pesquisa no campo da formação de professores, que se configura como uma investigação-formação, na qual busca, no diálogo do teatro com a memória, a percepção de aspectos da docência que são, muitas vezes, ignorados nas reflexões sobre as relações docente-discente. Para tal, se propôs a investigar elementos da cena teatral, relacionando-os à docência, partindo da hipótese que estes elementos possam evidenciar posturas assumidas pelos professores e possibilitar, assim, a reflexão e o questionamento sobre as mesmas. O ponto de partida foram de professores que passaram pela vida dos sujeitos pesquisados e, neste exercício narrado, o foco foram as lembranças das roupas destes professores. O exercício memorialístico possibilitou que entrassem em contato com motivações que, possivelmente, orientaram algumas de suas escolhas. O “figurino” criado a partir destas lembranças e da experiência com exercícios teatrais levou-os à necessidade de reflexão sobre qual imagem de professor gostariam de retratar. Este processo permitiu, entrarem em contato com aspectos significativos da docência, questiona-los e, em muitos casos, recria-los.

Palavras-chave: Formação de professores. Memória. Teatro. Figurino.

TEXTO COMPLETO

Com que roupa eu vou? Que roupa me traduz? Qual o figurino que expressa meus desejos, minhas opiniões, minhas crenças?

A composição do figurino teatral pode adotar diversos caminhos a depender da estética e da forma de trabalhar de cada montagem¹. O que nos interessa na relação estabelecida entre a roupa docente e o figurino teatral são os sentidos que os alunos deram para as roupas de seus professores e a elaboração simbólica na criação de um desenho de figurino.

E os professores, o que dizem com suas roupas? São roupas de uma pessoa e não figurino de um personagem, mas expressam, dizem algo para seus alunos, opinam sobre o que eles são e sobre suas escolhas na forma de ser docente.

¹ Roubine afirma que “O figurino, por sua vez, deve ser considerado como uma variedade particular do objeto cênico. Pois se ele tem uma função específica, a de contribuir para a elaboração do personagem pelo ator, constitui também um conjunto de formas e cores que intervêm no espaço do espetáculo, e devem portanto integrar-se nele.” (1998, pág. 146) Viana (2010, 2011) apresenta o percurso de diferentes encenadores, nos quais é possível observar a variedade de possibilidades e sentidos atribuídos ao figurino.

A proposta de investigar elementos da cena teatral, relacionando-os à docência, parte da hipótese que estes elementos possam evidenciar, posturas assumidas pelos professores e possibilitar, assim, a reflexão e o questionamento sobre o quanto estas, foram escolhas ou não.

No trabalho realizado com alunos de pedagogia de uma universidade pública e com professores de diferentes áreas de uma escola de uma Fundação que desenvolve trabalhos assistenciais, investigamos a imagem docente tendo como base as possibilidades criadas na improvisação teatral. Tal improvisação partiu dos elementos da cena e das memórias dos participantes sobre seus professores.

A escolha por explorar o figurino se deve ao entendimento de que a maneira pela qual o professor se apresenta, suas roupas, adereços, cores escolhidas, uniformes, falam sobre ele, expressam escolhas e sua compreensão sobre a docência.

Perceber que a maneira pela qual nos expressamos é uma, dentre as muitas possibilidades, que nossos gestos podem ser ampliados, que podemos ampliar a consciência sobre as formas de nos expressarmos corporalmente é a base para a percepção de como eu, professor, me expesso e de como posso ler nos corpos dos meus alunos aspectos que não são ditos por palavras.

O trabalho foi proposto, inicialmente, com um aquecimento corporal, seguido do “Jogo das três mudanças” (Spolin, 2008), para então partir para a lembrança de um professor e da forma como ele/a se vestia, que foi desenhada individualmente.

Recordar seus professores possibilitou ao grupo de alunos e professores, a percepção das influências vividas no cotidiano escolar. Pensar em suas roupas e desenhá-las, escolher dentre os vários professores com os quais cada um conviveu qual havia sido marcante, qual trajava roupas e quais ficaram na memória, foi uma maneira de refletir sobre a importância e sobre a importância da identidade expressa nesta escolha de como se vestir.

Feitos os desenhos individuais, foram formados grupos para a criação de um figurino que expressasse alguma característica relevante do professor escolhido. Os figurinos desenhados, apresentados abaixo, apresentam a ideia de professor expressa por estes dois grupos. No grupo de alunos tivemos:



Imagem 1



Imagem 2

A Imagem 1 mostra um figurino feminino. Na explicação do mesmo, as alunas escrevem “Escolhemos um figurino meigo para representar uma professora boazinha, meiga, doce. Colocamos rendas, rosas, saia de tule e cores claras. A saia é de tule azul, o corpete de cetim branco e rosas cor-de-rosa costuradas no corpete (rosas de verdade).” É interessante observar que o figurino traz cores infantis, porém o recorte é de uma mulher sensual, cheia de curvas, com seios fartos e um decote que ressalta esta característica. É também um figurino romântico, que remete ao século XVIII, apesar de não ter armação sob a saia. As flores costuradas ao mesmo tempo que reforçam a ideia romântica, também pode apontar para um possível sofrimento, já que rosas “de verdade” tem espinhos.

Na imagem 2 também existe a intensão de representar a infância, a docilidade, o carinho e criam um figurino infantil. Escrevem: “Aspecto Infantil: Figurino que deem ao adulto um aspecto infantil. Sapato boneca, chuquinhas, laços, vestidos, rendas, estampas de bolinhas, cores vibrantes, meia-calça de coraçãozinho, doces, balas, pirulitos, cabeça de pirulito, guarda-chuva feito de tampa de guaraná, roupa feita de massinha de modelar.” É um figurino que traz elementos da infância, mas vale observar que a ideia de infância é semelhante à apresentada nos bufes infantis, onde a criança só gosta de muitas cores vibrantes e de doces e a professora é infantilizada.

Nestas primeiras imagens podemos perceber a importância dada ao amor, ao carinho, à docilidade, à bondade e à meiguice. Chama a atenção a associação destas características com a infantilização da imagem da professora. No caso da primeira imagem, na qual a professora não é retratada de maneira infantilizada, observa-se certa romantização da mesma. A ideia de criança também é fortemente influenciada pelos produtos comercializados para as mesmas. É como se para que a relação entre professora e aluno seja pautada pelos sentimentos amorosos, tanto a professora como as crianças necessitassem assumir este mundo da infância abobalhada, vendida permanentemente em muitos produtos, programas infantis e espaços destinados para as crianças.

Rios discute esta ideia de felicidade ao relacionar o conceito de felicidade com o de cidadania, propondo um questionamento sobre esta busca da alegria constante.

“É preciso deixar de lado a ideia “hollywoodiana” de felicidade, identificada com uma vida “cor-de-rosa”, sem conflitos e contradições. Se Afirmarmos que a felicidade é outro nome para o bem comum e que o bem comum é o bem coletivo, bem público, queremos dizer que ela se identifica com a possibilidade de participar criativamente da sociedade, dizer sua palavra, ser ouvido e reconhecido em sua identidade, ser considerado e saber considerar no coletivo.”(RIOS, 2001, pág.120)

As imagens apresentadas nos figurinos trazem este mundo “cor-de-rosa” e com uma perspectiva de felicidade permanente na qual não reconheço identidades, não escuto as palavras particulares de cada professor ou aluno. Vale pensar que perspectiva de amor e de carinho está proposta nesta relação entre professoras e alunos.



Imagem 3



Imagem 4

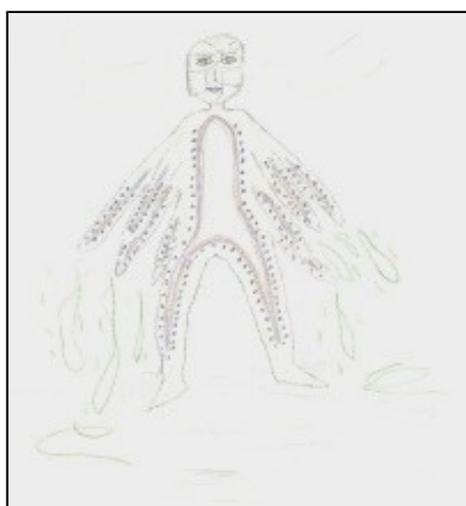


Imagem 5

A imagem 3 apresenta uma pessoa com uma flor no lugar do rosto, onde cada pétala é de uma cor e tem o nome dos alunos escrito nelas. O corpo usa

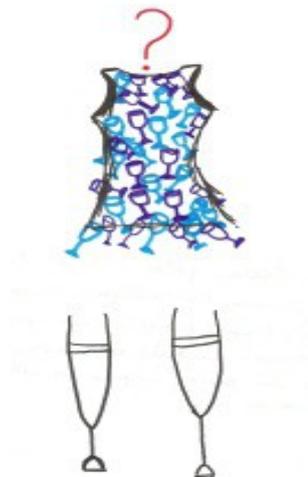
um vestido cinza, curto e sapatilhas verdes de bailarina. Nas costas tem folhas e troncos, utiliza diversas pulseiras. Segundo as participantes, “o figurino representa vaidade e foi baseado em uma professora que usava muitos acessórios, perfume e maquiagem.” Apesar desta explicação sobre a motivação do desenho, é interessante observar a escolha de um figurino no qual a professora tem troncos e folhas presas ao seu corpo e carrega em seu rosto os nomes de todos seus alunos, que a fazem ficar com uma cara redonda, que não traz traços humanos, pois seus olhos, nariz e boca são estilizados. O sapato da professora tampouco é o de uma mulher vaidosa, mas sim de uma bailarina, em posição de ponta, o que sugere ao mesmo tempo equilíbrio, rigidez e, para quem já ficou nas pontas de uma sapatilha, sofrimento.

A imagem 4 apresenta um figurino de uma noiva com uma bengala, tênis all star vermelho e bigode. O grupo de alunos informou buscar demonstrar a contradição permanente de muitos professores. No desenho é possível observar ao redor da professora caras que fazem lembrar a imagem de “O Grito” de Edward Munch, pois além da surpresa estas caras expressam sofrimento. É interessante observar a escolha do All Star vermelho “simbolizando a influência das discussões pretensamente revolucionárias”. Mesmo com todo o estranhamento causado por esta figura, ela sequer se aprofunda no que faz, já que suas discussões se pretendem revolucionárias, mas não são. Talvez para compensar esta escolha do tênis ou esta pretensão de ser revolucionária sem conseguir, a bengala é apontada como elemento indispensável para evidenciar “o quanto não podemos ser totalmente supérfluos”. Este desenho foi feito pelo grupo no qual estava o único homem da turma e é o único que traz aspectos do masculino em sua composição.

A Imagem 5 mostra um figurino com uma cara em pedaços, vários braços e pernas. Não tem sexo. Segundo as autoras, “caracteriza aquilo que está saindo do professor, como baba, bafo, pelos”. Se nas imagens 3 e 4 o figurino que caracteriza o professor apresenta deformações, causando estranhamento, a imagem 5 se aprofunda nesta proposta e causa nojo. Uma cara feita por pedaços, desfigurada, que remete à falta de unidade, de coerência e onde sobra sofrimento, suportada por um corpo que baba, que deixa para seus alunos os excrementos, além de ter muitos braços, o que sugere a impossibilidade de que estes alunos escapem.

Os figurinos 3, 4 e 5 apresentam aspectos do professor que estão longe dos dois anteriores. Nestes o sofrimento é trazido de forma contundente, não se vê nestes professores a possibilidade da relação amorosa, nenhum dos três inspira aproximação ou carinho. Saímos de um oposto ao outro.

Imagem 6



A última imagem criada pelos alunos, de número 6, é de um vestido feito com taças de cristal, que tem um ponto de interrogação no lugar da cabeça e pernas de pau. Ao apresentarem este figurino, as alunas expressaram ser a representação de uma pessoa insegura, que tem sempre dúvida. A fragilidade expressa neste figurino demonstra uma imagem de professor como alguém que não tem qualquer domínio sobre suas ações e que tem dúvidas sobre suas ideias.

Passamos agora a apresentar parte das imagens criadas pelos professores pesquisados.



Figura 7



Figura 8

A Imagem 7 mostra alguém carregando um piano nas costas, com uma pasta em uma das mãos e uma bola de ferro presa em um dos pés. Os professores que fizeram este figurino afirmaram que esta escolha foi pelo fato de se sentirem muito desvalorizados em alguns momentos, pelo total descaso dos alunos pelo trabalho proposto. É uma imagem deprimente do professor, que além de carregar um piano e ter uma bola de ferro nos pés, tem olheiras

profundas e tem os bolsos vazios. A sobrecarga e a tristeza desta figura são marcantes.

A figura 8 propõe como figurino um grande avental, cheio de bolsos com muitas coisas dentro: borrachas, brinquedos, confetes, bolas, bexigas, farmácia, etc. Ao apresentarem este figurino a professora (de teatro) relatou que quando abre sua bolsa, em casa, encontra diversos objetos que ela deve pegar no decorrer do dia e colocar na bolsa, tampinhas de caneta, papéis, etc. e sobre o peso de carregar tantas coisas e materiais. Embora este relato e este personagem tivessem um peso, era um peso muito diferente do apresentado na figura anterior, mesmo que em alguns momentos tivesse a sensação de que carregasse lixo dentro da bolsa. A associação feita pela professora ao mambembe, como algo desleixado, também poderia ser visto dentro de outra perspectiva do mambembe: como atores que caminham levando arte, diversão e conhecimento por onde passa. Este figurino apresenta o professor como um clown, passando uma sensação forte de satisfação divertida/ ou de satisfação com o que faz.

O fato de precisarem refletir e escolher que imagem de professor gostariam de retratar e quais aspectos da docência gostariam de valorizar na criação do figurino, permitiu aos dois grupos entrarem em contato com aspectos significativos da docência e se permitirem questioná-los.

O trabalho inicial com as memórias docentes auxiliou, tanto os estudantes universitários, como os professores a tomarem consciência do quanto a roupa trajada deixa marcas, constrói imagens sobre ser professor. Durante a criação dos figurinos tiveram a oportunidade de criticar e resignificar estas imagens. Neste processo refletiram sobre o movimento de identificação da criança com seus professores, percebendo que algumas características poderão nos aproximar ou nos distanciar dos nossos alunos.

Este texto apresenta uma análise ainda parcial de um dos aspectos de uma pesquisa ainda em processo. Esse é um primeiro olhar para o material criado pelos dois grupos, que ainda será seguido por outros olhares, quando será possível identificar aspectos ainda não revelados para as pesquisadoras. Parte do que foi aqui apresentado foi discutido com os participantes, porém a análise detalhada destas imagens, permitida pela distância do vivido, revelou aspectos não percebidos no momento do trabalho com os grupos. Continuamos a análise dos dados, investigando o diálogo entre os elementos teatrais e a formação docente.

Referências Bibliográficas

- RIOS, T. A.. Compreender e ensinar: por uma docência da melhor qualidade. São Paulo: Cortez, 2001
- SPOLIN, V. Jogos teatrais para a sala de aula: um manual para o professor. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- ROUBINE. J.J. A linguagem da encenação teatral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

VIANA, F. R. P. (Org.) ; [MUNIZ, Rosane](#) (Org.) . Diário das Escolas: cenografia PQ11. 01. ed. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2011. v. 01. 240p

VIANA, F. R. P. . O figurino teatral e as renovações do século XX. 1. ed. São Paulo: Estação das Letras, 2010. v. 01. 296p .